

# Para além de uma construção, uma ironia construcional: análise cognitivo-funcional de *só que não* no português brasileiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3914>

**Daniel William Ferreira de Camargo<sup>1</sup>**  
**Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale<sup>2</sup>**

## Resumo

Com este trabalho, pretende-se, na perspectiva da Gramática de Construções (Goldberg, 2006), caracterizar *só que não* quanto à sua forma e à sua função, graças às propriedades de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2013). Ademais, à luz de Lehmann e Bergs (2021), objetivamos afirmar seu estatuto de ironia construcional, cuja interpretação irônica, uma vez enraizada no imaginário coletivo, é instantaneamente reconhecida. Para tanto, fazemos uso sincrônico e qualitativo d'O *Corpus do Português* (Davies, 2016), sobretudo na microamostra NOW, restringindo-nos a páginas brasileiras. Assim, nossos resultados revelam *só que não* como construção prototípica, porque mais esquemática, mais produtiva e menos composicional, em virtude de seu comportamento morfossintático-semântico (Camargo, 2017, 2020; Camargo; Hirata-Vale, 2022), na qual se destaca um caráter inerentemente irônico, e, mais do que isso, como ironia construcional – uma forma especializada na marcação irônica. Esperamos, portanto, contribuir para o enriquecimento dos estudos linguísticos no português brasileiro escrito, no sentido de avançarmos na compreensão da ironia como uma estratégia linguística intrínseca às interações do dia a dia.

**Palavras-chave:** linguística cognitiva; gramática de construções; ironia construcional; *só que não*.

---

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [danielw.camargo@gmail.com](mailto:danielw.camargo@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0003-0447-1371>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; [flaviahiratavale@ufscar.br](mailto:flaviahiratavale@ufscar.br); <https://orcid.org/0000-0002-9091-9461>

# Beyond a construction, a constructional irony: a cognitive-functional analysis of *só que não* in Brazilian Portuguese

## Abstract

In this study, we seek, from the perspective of Construction Grammar (Goldberg, 2006), to characterize *só que não* in terms of its form and function by drawing on the properties of schematicity, productivity, and compositionality (Traugott; Trousdale, 2013). Moreover, following Lehmann and Bergs (2021), we aim to establish its status as a constructional irony, whose ironic interpretation – once entrenched in the collective imagination – is recognized instantaneously. To this end, we conduct a synchronic and qualitative analysis using *O Corpus do Português* (Davies, 2016), focusing primarily on the NOW subcorpus and restricting the data to Brazilian webpages. Our results show that *só que não* constitutes a prototypical construction, being more schematic, more productive, and less compositional, due to its morphosyntactic-semantic behavior (Camargo, 2017, 2020; Camargo; Hirata-Vale, 2022). The construction is marked by an inherently ironic character and, beyond that, can be described as a constructional irony, that is, a specialized form for encoding ironic meaning. We hope, therefore, to contribute to the advancement of linguistic studies on written Brazilian Portuguese by furthering the understanding of irony as a linguistic strategy intrinsic to everyday interaction.

**Keywords:** Cognitive Linguistics; Construction Grammar; Constructional irony; *Só que não*.

## Introdução

São diversos os trabalhos que propõem investigar e descrever as escolhas no âmbito de uma língua. No caso do português, o cenário não é outro. Para satisfazer as diferentes situações comunicativas advindas das inúmeras, simultâneas, incessantes e cotidianas interações ininterruptamente travadas pelo falante, alguns usos perdem força, ao passo que outros se firmam e outros mais emergem, o que configura a dinâmica própria de uma língua viva.

Desse incontável inventário de usos, destacamos *só que não*. Sua natureza se constitui de traços tão particulares, entre os quais o da articulação, o da negação e o da ironia, que podemos, com isso, exemplificar a força criadora partilhada pela língua e pelo falante.

Observemos ocorrência bastante prototípica:

1. Barato, **só que não** [é/está]

Primeiramente, o valor cobrado pela Fiat vale para a carroceria de duas portas sem nenhum opcional. Ou seja, sem ar-condicionado, travas elétricas ou direção hidráulica. Quer todos esses itens e as portas traseiras? Aí o preço já passa dos R\$ 30 mil. O carro das fotos, completo inclusive com rodas de liga leve e rádio com entrada USB custa R\$ 31.793. Um Uno Vivace com a mesma configuração custa R\$ 33.477 (<https://www.icarros.com.br/noticias/testes-e-comparativos/flat-palio-fire:-preco-nao-e-tudo/16186.html>, 2014, grifo próprio).

Nesse exemplo, faz-se uma afirmação (“Barato”) que, logo depois, é refutada com ironia. Vale dizer que o traço irônico é consequência direta da ausência de conteúdo explícito posterior articulado pela construção *só que não*. Na verdade, o que há é o encapsulamento, indicado entre colchetes, ou do verbo/locução verbal da porção textual anterior, ou, na ausência de marcação verbal, como é o caso aqui, de formas genéricas como *ser* e *estar*, conforme 1a.:

1a. [É/Está] Barato, **só que não** [é/está].

Em outros termos, a afirmação de que “[É/Está] barato” é negada ironicamente por meio do encapsulamento dos mesmos verbos *ser/estar*, na terceira pessoa do presente do indicativo – o que seria, em termos semânticos, equivalente a uma afirmação como “Não é/está barato”. Consegue-se, desse modo, um efeito de sentido um tanto peculiar, uma vez que, ao mesmo tempo que se suaviza a negação, fazendo-a, de acordo com Barbee (1995 *apud* Attardo, 2000), soar polida, ela é reforçada, enfatizando-se a mensagem.

Nessa mesma direção, Camargo (2017), que procedeu a uma investigação funcional da construção, considerando fatores semânticos, sintáticos, pragmáticos e discursivo-textuais, faz as seguintes asseverações:

Assim, constatamos se tratar de locução com posição fixa na sentença e de natureza formulaica, já que ela deixa de fazer sentido quando se desconsidera alguma de suas partes. Além disso, todas as ocorrências coletadas demonstraram a quebra de expectativas que *só que não* é capaz de operar, ao invalidar sempre a afirmação ou porção textual imediatamente anteriores (Camargo, 2017, p. 111, grifo do autor).

Fica-nos clara, pois, a completude de uma construção como essa: além de estabelecer relação de contraste por quebra de expectativas, ela veicula ironia por natureza e, justamente em razão do componente irônico, conduz a argumentação. Dito de outra

maneira, nota-se que a construção *só que não* não apenas refuta uma proposição imediatamente anterior como também, simultaneamente, confere caráter irônico ao enunciado.

É incontestável, então, a ironia presente no caso aqui discutido. Nesse aspecto, a partir da caracterização de Camargo (2017), tratamos, à luz de Goldberg (2006), de Traugott e Trousdale (2013) e de Lehmann e Bergs (2021), de *só que não* como ironia construcional, porque pareamento forma-função altamente integrado cujo sentido irônico prevalece sobre o literal. Para tanto, recorreremos aos pressupostos da Gramática de Construções, analisando sincrônica e qualitativamente ocorrências em *corpus* contemporâneo do português brasileiro escrito.

## **Gramática de Construções – GC**

Consoante Pinheiro e Ferrari (2020), a GC não constitui um modelo único e homogêneo, mas uma família de abordagens que compartilham princípios basilares, embora com variações teóricas e metodológicas. Apesar da heterogeneidade, é possível organizar essas abordagens com base em dois eixos centrais: (i) relação entre cognição geral e cognição linguística e (ii) relação entre conhecimento linguístico e uso efetivo da língua.

Podem-se, portanto, delinear dois grandes grupos. O que mais nos interessa neste trabalho, contudo, é o de viés funcionalista, que será referido como Gramática de Construções Baseada no Uso – GCBU. Tal vertente, vale dizer, considera a gramática como composta de unidades simbólicas que emergem da experiência linguística concreta dos falantes e se estruturam a partir de operações da cognição geral.

Independentemente, porém, das diferenças existentes entre as linhas que compõem o que se convencionou como GC, o paradigma, quando concebido por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e enriquecido por Kay e Fillmore (1999), objetiva, acima de tudo, explicar as irregularidades linguísticas, haja vista pressupor que, uma vez esclarecidas, o mesmo raciocínio possa ser aplicado às suas regularidades.

Assim sendo, define-se um conjunto único de propriedades, válido para todos os tipos de estrutura linguística, em todos os tipos de análise, dos mais simples aos mais complexos, incluindo-se morfemas, palavras, expressões, padrões parcialmente preenchidos e padrões não completamente especificados ou esquemáticos (Goldberg, 2006). A esse respeito, afirma-se o seguinte:

A unidade básica da gramática é a construção; a estrutura semântica é projetada diretamente na estrutura sintática; a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre esses nós são

representadas na forma de hierarquias de herança<sup>3</sup>; a estrutura da língua é moldada pelo uso (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 21).

É preciso esclarecer, a propósito, que o termo *construção*, apesar de frequente em gramáticas pedagógicas e estruturalistas, nem sempre significa como a GC o entende de fato. Nesse sentido, uma das definições mais difundidas é a de Goldberg (1995, p. 4, tradução própria<sup>4</sup>):

C é uma construção se e somente se C é definido como um pareamento forma-significado  $\langle F_i, S_i \rangle$ , de maneira que algum aspecto de  $F_i$  ou algum aspecto de  $S_i$  não são estritamente previsíveis pelas partes componentes de C ou por outras construções previamente estabelecidas.

Em linhas gerais, o que Goldberg (1995) postula é que uma construção se caracteriza por três elementos fundamentais: (i) pareamento entre forma e função, (ii) constituição como unidade de conhecimento linguístico armazenada na mente do falante e (iii) obediência ao critério da imprevisibilidade, seja na forma, seja no significado – critério que se refere à impossibilidade de deduzir o sentido ou a estrutura formal de uma construção a partir da simples soma de suas partes componentes. Nesses casos, o significado global da construção só é compreensível como unidade holística e, por isso, precisa ser mentalmente armazenado como tal.

Aliás, no que se refere a (iii), como observam Croft e Cruse (2004 *apud* Lehmann; Bergs, 2021), a derivação não convencional do significado é justamente “a evidência mais forte de que as construções são objetos sintáticos independentes” (Croft; Cruse, 2004 *apud* Lehmann; Bergs, 2021, p. 315, tradução própria<sup>5</sup>), isto é, formas linguísticas que não podem ser reduzidas a regras composicionais tradicionais e devem ser tratadas como entidades gramaticais autônomas.

Goldberg (2006), entretanto, atualiza seus termos, deixando de lado o critério da imprevisibilidade em certas ocasiões, como quando há alta recorrência:

---

3 À luz da GC, *hierarquia de herança* refere-se a uma estrutura que descreve como uma construção herda propriedades gramaticais de outras construções, o que pode incluir aspectos como concordância, ordem dos itens e relação entre sujeito e verbo, por exemplo. Diz respeito, portanto, ao compartilhamento de propriedades entre uma construção descendente e suas construções ascendentes.

4 No original: “C is a construction if C is a form-meaning pair  $\langle F_i, S_i \rangle$  such that some aspect of  $F_i$  or some aspect of  $S_i$  is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions”.

5 No original: “[...] the strongest pieces of evidence for constructions as independent syntactic objects”.

Um dado padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não seja estritamente previsível por meio de suas partes componentes ou por meio de outras construções existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, até mesmo os completamente previsíveis, desde que eles ocorram com uma frequência suficiente (Goldberg, 2006, p. 5, tradução própria<sup>6</sup>).

Segundo Lehmann e Bergs (2021), a despeito de a frequência ser critério controverso, visto que não é possível mensurar a suficiência de determinada frequência, uma ocorrência como *Que horas são?*, tendo em vista a perspectiva baseada no uso (Bybee, 2013), pode ser, nos termos de Goldberg (2006), também uma construção, na medida em que, “quanto mais frequentemente uma expressão substantiva ou um padrão são empregados, mais provavelmente eles estejam entranhados no repositório mental do usuário da língua” (Lehmann; Bergs, 2021, p. 316-317, tradução própria<sup>7</sup>). Em outros termos, toda expressão já cristalizada configura-se como construção, mesmo sendo altamente previsível, composicional.

Nesse mesmo âmbito, construções são unidades simbólicas e convencionais da gramática – unidades, porque são tão idiossincráticas (Goldberg, 1995) ou tão frequentes (Goldberg, 2006) que estão enraizadas na mente dos usuários; simbólicas, porque consistem em signos associados a um pareamento forma-função; e convencionais, porque são compartilhadas por determinado grupo de falantes em uma mesma comunidade.

Assumindo, assim, o termo *construção* o conceito de unidade gramatical básica, *língua*, por extensão, “define-se como conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas” (Rosário; Oliveira, 2016, p. 239).

Ainda no tocante à definição de *construção*, Traugott e Trousdale (2013) apresentam uma classificação em termos de três dimensões: *tamanho*, *especificidade fonológica* e *conceito*, como elucida o quadro a seguir:

---

6 No original: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency”.

7 No original: “The more often a substantive expression or a pattern is encountered, the more likely it will be entrenched in the language user’s mental repository”.

**Quadro 1.** Dimensões das construções

Dimensão <i>tamanho</i>	<b>Atômica</b>	<b>Complexa</b>	<b>Intermediária</b>
	Construções monomorfêmicas (São as menores unidades, como palavras isoladas.)	Unidades de <i>chunks</i> analisáveis (São combinações maiores e plenamente analisáveis, como expressões idiomáticas.)	Unidades parcialmente analisáveis (São construções com partes fixas e outras abertas, sendo parcialmente esquemáticas, mas ainda reconhecíveis como padrão.)
Dimensão <i>especificidade fonológica</i>	<b>Substantiva</b>	<b>Esquemática</b>	<b>Intermediária</b>
	Construções fonológica e completamente especificadas (São formas fixas, memorizadas, com configuração fonológica definida.)	Abstrações (São padrões gerais, abstratos, sem forma fonológica específica.)	Entre especificação e abstração (São casos em que há mescla: parte é fonologicamente fixa e parte é abstrata.)
Dimensão <i>conceito</i>	<b>Plena</b>	<b>Procedural</b>	<b>Intermediária</b>
	Construções lexicais (Têm conteúdo conceitual completo, como substantivos e verbos.)	Construções gramaticais (São instruções de uso, guiando como organizar a informação sem carregar conceito pleno, como partículas gramaticais.)	<i>Way-construction</i> <sup>8</sup> (São parcialmente conceituais e procedurais.)

**Fonte:** Adaptada de Traugott e Trousdale (2013, p. 12-13)

O quadro demonstra que as construções linguísticas são de diferentes tipos, distribuindo-se por um contínuo em três dimensões principais, a saber, *tamanho* (de palavras a padrões complexos), *especificidade fonológica* (de expressões fixas a abstrações esquemáticas) e *conceito* (de significado lexical cheio a instruções gramaticais).

<sup>8</sup> Trata-se de estrutura bastante comum no inglês que, cunhada por Jackendoff (1990), consiste (i) em um verbo, (ii) no termo *way* precedido de um determinante possessivo correferencial com o sujeito e (iii) em uma frase direcional, como "Frank found his way to New York" (Goldberg, 1995, p. 199).

Isso significar dizer, então, que a GC não vê a língua como rigidamente dividida em léxico e gramática, mas como uma rede de construções distribuídas ao longo dessas dimensões: “Em suma, a construção ou um inventário de construções contém itens com características das três dimensões em questão. Na maioria dos casos, uma construção pode ser caracterizada de acordo com todas as três dimensões” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13, tradução própria<sup>9</sup>).

Destaque-se também, ainda com base em Traugott e Trousdale (2013), que três elementos são tidos como indispensáveis em qualquer análise construcional: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*.

A *esquematicidade* faz referência ao grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção – escopo construcional. Dito de outro modo, trata-se de abstrações apreendidas de maneira inconsciente pelos falantes, o que quer dizer que existem construções das mais esquemáticas/abstratas, com mais *slots*, às menos esquemáticas/abstratas, com menos *slots*:

Esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve, na sua essência, abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não. [...]

Na nossa perspectiva linguística, esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções, sejam procedurais ou lexicais [...]. Eles são abstrações entre conjuntos de construções (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas umas às outras na rede construcional. Os graus de esquematicidade dizem respeito aos níveis de generalidade ou de especificidade e à extensão na qual partes da rede são ricas em detalhes (Langacker, 2009 *apud* Traugott; Trousdale, 2013, p. 13-14, tradução própria<sup>10</sup>).

A título de exemplificação, o padrão altamente esquemático *Sujeito + Verbo + Objeto* em *Eu comi bolo* constitui a estrutura a partir da qual os falantes produzem não só a ocorrência em questão como também todas as demais em língua portuguesa (Rosário;

---

9 No original: “In sum, the ‘constructicon’, or inventory of constructions, contains items that have characteristics of all three dimensions mentioned above. In most cases, a construction can be characterized on all three dimensions”.

10 No original: “Schematicity is a property of categorization which crucially involves abstraction. A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not. [...]. In our view linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful [...]. They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the constructional network. Degrees of schematicity pertain to levels of generality or specificity and the extent to which parts of the network are rich in detail (Langacker, 2009)”.

Oliveira, 2016). Sob essa ótica, pode-se concluir, segundo Goldberg (2006), que os falantes têm conhecimento tanto sobre itens específicos quanto acerca dos esquemas correspondentes.

A *produtividade*, por sua vez, diz respeito à capacidade de um esquema de instanciar novas construções – vitalidade construcional. Nesse âmbito, Bybee (2003) distingue dois tipos de frequência relacionados ao conceito: frequência *type* (ou frequência de construção), que consiste no número de diferentes elementos os quais ocupam determinado *slot* de uma construção, e frequência *token* (ou frequência de construto), que consiste no número de vezes as quais uma mesma unidade ocorre no uso.

Logo, quanto mais produtivo um esquema, maior sua capacidade de sancionar padrões construcionais, que tendem a ser, por sua vez, menos esquemáticos/abstratos – fenômeno que se relaciona diretamente ao conceito de extensibilidade. Isso nos permite afirmar, portanto, que produtividade e esquematicidade caminham lado a lado: quanto maior a produtividade, maior também o grau de extensibilidade de um esquema:

Produtividade é uma palavra que tem sido empregada de diversas maneiras. Barðdal (2008) oferece uma valiosa visão geral e uma análise de diferentes usos do termo. Na nossa perspectiva, a produtividade é gradiente. Refere-se a esquemas (parciais) e diz respeito (i) à sua “extensibilidade” (Barðdal, 2008), ou seja, à extensão na qual elas sancionam outras construções menos esquemáticas, e (ii) à extensão na qual elas são constrangidas (Boas, 2008 *apud* Traugott; Trousdale, 2013, p. 17, tradução própria<sup>11</sup>).

Por fim, a *composicionalidade* se refere ao grau de transparência entre forma e função – alinhamento construcional. Em termos mais claros, uma construção é composicional quando o significado do todo pode ser previsto a partir do significado de suas partes:

Construcionalmente, a composicionalidade é mais bem entendida em termos de correspondência ou falta de correspondência entre aspectos da forma e aspectos do significado (ver Francis e Michaelis [2003] sobre incongruência e falta de correspondência). Se um construto é semanticamente composicional, então, desde que o falante tenha produzido uma sequência convencional sintaticamente e o ouvinte compreenda o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se não for composicional, haverá falta

---

<sup>11</sup> No original: “Productivity is a term that has been used in a number of different ways. Barðdal (2008) provides a valuable overview and analysis of a number of different uses of the term. In our view the productivity of a construction is gradient. It pertains to (partial) schemas and concerns i) their ‘extensibility’ (Barðdal, 2008), the extent to which they sanction other less schematic constructions, and ii) the extent to which they are constrained (Boas, 2008)”.

de correspondência entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo (Traugott; Trousdale, 2013, p. 19, tradução própria<sup>12</sup>).

## Ironia construcional

Também objeto de estudo de Veale e Hao (2010), Camp (2012) e Michaelis e Feng (2015), mais recentemente Lehmann e Bergs (2021) realizaram estudo que joga luz sobre o conceito de ironia construcional.

A partir de três construções do inglês, quais sejam, “Tell me about it”, “XP pro BE not” e “As if”<sup>13</sup>, retiradas dos contextos a seguir, estes pesquisadores evidenciam um uso literal a. e um irônico b.:

- 2a. Okay. So there are websites. There are apps that go beyond an eBay or a Craigslist. Tell me about it.
- 2b. “That’s a lot to deal with in a very short time.” # “Tell me about it.”<sup>14</sup> (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310).
- 3a. There are a lot of things George Ryan might be, but a coward he is not.  
But Roger Starr, a former New York City housing administrator and sometime opponent of Ms. Jacobs, keenly noted the steel just beneath her folksiness. # “What a dear, sweet character she isn’t”, he said.<sup>15</sup> (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310).
- 3b. of Ms. Jacobs, keenly noted the steel just beneath her folksiness. # “What a dear, sweet character she isn’t”, he said.<sup>15</sup> (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310).
- 4a. As if he were a footman or butler, he carried a valise in each hand.  
“I’m a leprechaun”, the little guy says finally, “Conachail Fiodh Dubhthaigh at your service”.
- 4b. – Right. As if anyone else in the room could pronounce that.<sup>16</sup> (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310).

---

12 No original: “From a constructional point of view, compositionality is best thought of in terms of match or mismatch between aspects of form and aspects of meaning (see Francis and Michaelis [2003] on incongruence and mismatch). If a construct is semantically compositional, then as long as the speaker has produced a conventional sequence syntactically, and the hearer understands the meaning of each individual item, the hearer will be able to decode the meaning of the whole. If it is not compositional, there will be mismatch between the meaning of individual elements and the meaning of the whole”.

13 As construções, em tradução livre, são, na mesma ordem: “Nem me fale”, “[...] *pronome não/é são*” e “Como se”.

14 Tradução própria: “a. Certo. Então, existem sites. Existem aplicativos que vão além de um eBay ou um Craigslist. Me fale sobre isso. b. ‘Isso é muita coisa para lidar em muito pouco tempo.’ # ‘Nem me fale.’”.

15 Tradução própria: “a. Há muitas coisas que George Ryan poderia ser, mas covarde ele não é. b. Mas Roger Starr, um ex-prefeito da cidade de Nova York e ocasional opositor da Sra. Jacobs, notou agudamente o aço por trás de sua simplicidade. # ‘Que personagem querido e doce ela não é’, disse ele.”.

16 Tradução própria: “a. Como se fosse um serviçal ou mordomo, ele carregava uma maleta em cada mão. b. ‘Eu sou um duende’, diz o pequeno garoto finalmente, ‘Conachail Fiodh Dubhthaigh à sua disposição’. – Certo. Como se mais alguém na sala pudesse pronunciar isso.”.

Em todos os casos, de 2. a 4., a. ilustra o uso literal das construções em questão, enquanto b. exemplifica o mesmo padrão sintático básico, mas imbuído de sentido irônico. Em seguida, reunindo critérios que lhes conferem o estatuto de construções, Lehmann e Bergs (2021) expõem os achados relativos a cada construção individualmente e concluem que o conhecimento acerca de seu uso adequado é armazenado pelos falantes.

No que concerne a “Tell me about it”, por exemplo, trata-se de construção substantiva que não permite nenhuma variação. Apesar de seu uso literal poder ser parafraseado sem comprometer a adequação da construção, o mesmo não se mostra possível quanto ao sentido irônico, o que faz pressupor a preferência por ela a outras aparentemente idênticas e seu enraizamento linguístico como veiculadora de ironia. Nesse aspecto, das 1.482 ocorrências coletadas pelos pesquisadores, 76% apresentaram uso irônico, demonstrando a forte associação da estrutura a esse tipo de sentido.

A propósito, um elemento particularmente interessante está associado à aquisição da linguagem: considerando o desenho *My Little Pony: Friendship is Magic*, voltado para meninas entre 4 e 11 anos, os autores observaram que muitas crianças dessa faixa etária não compreendem plenamente o efeito da ironia, dado que a habilidade de reconhecê-la costuma se desenvolver gradualmente entre os 6 e os 13 anos.

Ainda assim, os roteiristas parecem presumir que tal uso de “Tell me about it” não implique obstáculos ao público-alvo em termos de compreensão, o que tanto reforça a ideia de que se trata de unidade linguística enraizada no repertório cognitivo dos falantes desde tenra idade quanto atribui à construção um estatuto de familiaridade no plano da ironia (Lehmann; Bergs, 2021).

Com relação a “XP pro BE not”, por seu turno, em 95% das 193 ocorrências obtidas, a construção sintática e pragmaticamente independente – aquela não embutida em uma construção sintática maior nem em nenhum contexto pragmático específico para torná-la apropriada – foi interpretada de forma irônica. Outros casos, menos numerosos, foram aqueles em que a construção é independente sintaticamente, mas embutida em um contexto concessivo, além daqueles em que a construção é parte de um contexto concessivo tanto pragmática quanto sintaticamente.

Importante fazer constar, porém, que, em todos os três tipos, a construção pode expressar ironia, a despeito de, no primeiro, com independência sintática e pragmática, ela se associar à ironia acima da média.

Acrescente-se ainda que “XP pro BE not” parece preferir conceitos com conotação positiva, o que espelha, na verdade, o comportamento geral da ironia, ao criticar algo ou alguém por meio de construções positivas. Fato é, então, que, “no geral, sua alta frequência

*type*, sua forte probabilidade de ser interpretada como irônica e suas características idiossincráticas fornecem ampla evidência de que 'XP pro BE not' está enraizado no imaginário coletivo" (Lehmann; Bergs, 2021, p. 324, tradução própria<sup>17</sup>).

Por fim, quanto a "As if", demonstrou-se que as cláusulas insubordinadas autônomas podem ser empregadas ironicamente e que, em virtude disso, podem ser consideradas imprevisíveis em seu significado. A esse respeito, tal imprevisibilidade de significado é sistemática, o que significa dizer que a ironia, sendo inerente à construção, legitima "As if" como construção.

Some-se a isso o fato de, coletadas 589 ocorrências, as cláusulas insubordinadas autônomas terem sido interpretadas ironicamente em 95% dos casos, corroborando-a como construção com significado irônico. Além disso, mostraram-se altamente produtivas, com alta frequência *type* e baixa frequência *token*, e atraíram itens de polaridade negativa com mais frequência se comparadas com as cláusulas insubordinadas elaborativas ou com as subordinadas.

O desenvolvimento de "As if" para um idiomático que é interpretado como irônico por padrão deve ter sido motivado de alguma forma. Uma explicação provável é que "As if" insubordinado autônomo, com seu significado irônico, tornou-se enraizado no imaginário do usuário da língua (Lehmann; Bergs, 2021, p. 329, tradução própria<sup>18</sup>).

Isso posto, Lehmann e Bergs (2021) chegaram à conclusão de que, quando uma construção substantiva e esquemática está convencionalmente associada à ironia, ela se qualifica como ironia construcional. Dito de outro modo, construções mais frequentemente interpretadas como irônicas do que como literais ou como unicamente irônicas são ironias construcionais.

Dessa maneira, visto que construções se configuram como pareamentos forma-função compartilhados pelos falantes e que ironias construcionais consistem em construções com apagamento ou inexistência de sentido literal, é plenamente plausível enquadrar só *que não* – cujas propriedades são elucidadas na seção Análise – nesse arcabouço.

---

17 No original: "Taken together, its high type frequency, its strong likelihood of being interpreted as ironic and its idiosyncratic features provide ample evidence that 'XP pro BE not' is entrenched in the language user's constructicon".

18 No original: "The development of 'As if' to an idiom that is interpreted as ironic by default must have been motivated somehow. A likely explanation is that stand-alone insubordinate 'As if' with its ironic meaning has become entrenched in the language user's constructicon".

## Só que não

De acordo com Camargo (2017), *só que não* tem a internet como lugar por excelência, acima de tudo ambientes mais informais, evidenciando o papel inovador e renovador da rede mundial de computadores sobre as escolhas linguísticas. Ademais, provavelmente em razão de sua simplicidade – materializada, muitas vezes, por meio das iniciais *sqn* acompanhadas de *hashtag* –, de sua relevância e de seu forte e claro efeito pragmático e comunicativo, tal uso difundiu-se.

É difícil, todavia, precisar como a estrutura tenha emergido. Uma das hipóteses, nesse sentido, é que o esquema [só que  $X_{Adv}$ ], no qual está inserida a construção *só que não*, tenha se originado do articulador *só que*, já elucidado por Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017). Isso porque *só que não* preserva, por exemplo, o traço de quebra de expectativas da perífrase.

No inglês, a bem da verdade, construção semelhante é a piada do não ou *not joke* – datada do início dos anos de 1990, teria se popularizado com uma comédia chamada *Quanto mais idiota, melhor* (*Wayne's World*, no original), lançada em 1992 nos Estados Unidos. Um exemplo prototípico poderia ser “What a totally amazing, excellent discovery – not!”<sup>19</sup> (1992; *Wayne's World* *apud* Bergs; Pentre, 2025, p. 23, grifo dos autores), em que se refuta a proposição – positiva ou neutra – antecedente.

Normalmente, o *não* pós-sentencial também se caracteriza por ser um elemento foneticamente muito perceptível, acentuado e, com frequência, alongado. [...] A declaração anterior, primeiro, sugere alguma mensagem boa ou positiva, que é, então, repentina e surpreendentemente negada e revogada por *não*. Isso cria um efeito ou surpresa e também um certo nível de ironia ou sarcasmo (Bergs; Pentrel, 2025, p. 21, tradução própria<sup>20</sup>).

A esse respeito, o ator e roteirista do filme, Mike Myers, comenta, em entrevista concedida por ocasião do aniversário de 25 anos da produção, em 2017, o uso pós-sentencial de *não*:

Indagado pelo entrevistador sobre se ele havia criado “aquela piada” ou a observado primeiro, Myers responde que a notou e a usou pela primeira vez quando era adolescente em Ontário. Em outras palavras, ele nega ter “engendrado” ativamente

---

19 Tradução própria: “Que descoberta totalmente incrível e excelente – não!”.

20 No original: “Typically, extrasentential *not* would also be a phonetically very noticeable, stressed, and often phonetically elongated element. [...] The previous statement first suggests some good or positive message, which is then suddenly and surprisingly negated and retracted by extrasentential *not*. This creates an effect or surprise and also a certain level of irony or sarcasm.”.

aquela estrutura. Além disso, Meys ressalta na entrevista que a estrutura é uma expressão do sarcasmo de 1990: “Eu vou concordar com você, mas eu não estou de fato concordando com você. Essa seria a matemática da coisa”. O entrevistador, então, acrescenta “que é uma construção muito simples que pode transformar qualquer um em comediante, desde que siga a fórmula. Você conduz alguém por um caminho e...”, ao que Myers responde: “Vem a negação final. Sim, eu adoro quando as coisas têm uma versão caseira” (Bergs; Pentrel, 2025, p. 24, tradução própria<sup>21</sup>).

Ainda no que tange à sua origem, Bergs e Pente (2025) asseveram que parte considerável das ocorrências pode ser encontrada tanto no filme em questão quanto em séries como *Os Simpsons* e *Beverly Hills 90210*, como se verifica em de 5. e 6.:

5. I'm gonna miss you too. **Not.**<sup>22</sup> (1989; *Os Simpsons* [...] *apud* Bergs; Pente, 2025, p. 23, grifo dos autores).
6. So you two are lovers. **Not.**<sup>23</sup> (1991; COHA; *Beverly Hills 90210* *apud* Bergs; Pente, 2025, p. 23, grifo dos autores).

No entanto, é quase certo que *Wayne's World* não seja a origem do *não* pós-sentencial, dado que se constatou uma ocorrência em 1989, em *Os Simpsons*, anterior ao filme – apesar de ser inegável o papel da película na popularização da construção.

Em linhas gerais, sabe-se que a piada do *não* envolve aspectos como pausa e entonação ascendente, expressas, no registro escrito, por meio de reticências, maiúsculas e ponto de exclamação, de maneira a destacar, naquele contexto, uma ironia, como se vê em “This suit is black... NOT!<sup>24</sup>” (Camargo, 2017, p. 53). A construção *só que não*, por sua vez, manifesta comportamento díspar: dispensa quaisquer marcações gráficas, embora o emprego delas não seja vedado.

---

21 No original: “Asked by the interviewer whether he wrote ‘that joke’ or observed it first, Myers says that he first observed and used that as an adolescent in Ontario. In other words, he denies actively having ‘engineered’ that structure. Moreover, Myers also points out in the interview that the structure is an expression of 1990s sarcasm: ‘I’m going to comply with you, but I am not really complying with you. That would be the mathematics of it’. The interviewer finally points out that ‘it’s a really simple construction that can turn anyone into a comedian, so long as they follow the formular. You lead someone down – a path and – ‘There is the final negation. Yeah, I do love when things have a home version’, Myers answers.”.

22 Tradução própria: “Vou sentir sua falta também. Não.”

23 Tradução própria: “Então, vocês são amantes. Não.”.

24 Tradução própria: “Este/Esse terno é preto... NÃO!”.

Fato é que, independentemente da procedência de *só que não*, foi pela internet, e por meio dela, que a construção alcançou visibilidade e, por conseguinte, expressividade.

Nesse contexto, sua circulação em território nacional teve início entre o fim de 2011 e o início de 2012, cuja presença, a princípio circunscrita às redes sociais, se verifica, hoje, também em espaços de uso linguístico monitorado, como destaca Camargo (2017), o que revela, por um lado, seu potencial criativo, sistemático e eficiente e, por outro, sua versatilidade, contribuindo de maneira substancial para a inovação linguística: “[...] Quase metade das ocorrências obtidas está associada a gêneros textuais como a coluna, o artigo de opinião e o editorial – de origem jornalística –, o que nos mostra a aderência da expressão a ambientes também mais formais” (Camargo, 2017, p. 111).

Nas seções seguintes, pois, evidenciamos seu caráter irônico bem como seu estatuto construcional, reconhecendo a construção como forma especializada na marcação de ironia, ou seja, como ironia construcional.

## Metodologia

Para a coleta de dados, fizemos uso d’*O Corpus do Português* (Davies, 2016), desenvolvido por Mark Davis, da Universidade Brigham Young (BYU), e Michael Ferreira, da Universidade Georgetown.

Realizamos nossas buscas entre outubro e dezembro de 2024. Por meio da etiqueta [só que ADV], pela qual é possível abarcar ponto ou vírgula antes ou depois das ocorrências, por exemplo, a microamostra NOW retornou 100 entradas ao todo, independentemente da frequência, já que nossa pesquisa tem natureza qualitativa. Obtivemos, então, *só que não*, as já conhecidas construções *só que nunca* e *só que sim* (Camargo; Hirata-Vale, 2025) e uma forma com intensificador: *só que não mesmo*.

Nesse âmbito, na medida em que a microamostra em questão contempla textos de quatro variedades do português, foi essencial que nos debruçássemos apenas sobre fragmentos textuais de falantes brasileiros, visto que esse é o nosso interesse – daí termos tomado o cuidado de, lançando mão do filtro *Country*, disponibilizado pela plataforma, restringir a busca a páginas do Brasil.

Saliente-se que muitas ocorrências não constituíam o fenômeno aqui em discussão, em termos de comportamento morfossintático-pragmático. Em virtude disso, por meio da aba *Context*, pautando-nos pelo contexto dos dados, fizemos uma seleção, tendo descartado aqueles em que *só que não* não exprimia ironia, a exemplo de 7.:

7. A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP), que coordenou a comissão na Câmara criada para acompanhar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), afirmou que o memorando “vem revelar aquilo que já se sabia, **só que não** tínhamos provas nem evidências” (3, <https://g1.globo.com/politica/noticia/apos-revelacao-de-memoranda-cia-deputados-e-senadores-cobram-abertura-de-arquivos-militares.ghtml>, 2014, grifo próprio).

Dessa maneira, a construção *só que não* somou, ao todo, 1.929 ocorrências, das quais 448 se enquadraram no padrão [só que X<sub>Adv</sub>] em estudo. A seguir, destacamos aleatoriamente duas delas:

8. Não ganhamos Palma de Ouro, Urso de Ouro, Leão de Ouro e outros prêmios à toa. Mas ainda insistimos em dizer que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo, **só que não** (<https://www.cartacapital.com.br/cultura/faco-filmes-para-as- pessoas-pretas-com-a-cara-do-nosso-pais/>, 2017, grifo próprio).
9. Vem logo, só que não. O representante da JAC no país, Sergio Habib, afirma que deverá importar em agosto duas ou três unidades do Sol... mas apenas para testes com jornalistas especializados e clientes especiais conhecerem a tecnologia (<https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2018/05/09/jac-descarta-carro-eletrico-no-brasil-porque-eletrico-so-vira-na-china.htm>, 2018, grifo próprio).

Complementarmente, faça-se constar que as rodadas de pesquisa levaram em conta somente a forma inteira da construção. Isso porque, na eventualidade de haver outras do tipo de [só que X<sub>Adv</sub>] diferentes das clássicas *só que não*, *só que nunca* e *só que sim*, a exemplo de *só que não mesmo*, provavelmente apareceriam somente por extenso, haja vista serem pouco difundidas e conhecidas. Grafá-las apenas com iniciais, pois, dificultaria ao leitor sua identificação.

Ademais, casos de *link* corrompido ou não mais existente foram computados normalmente, uma vez que *O Corpus do Português* permite conhecer o contexto no interior da própria plataforma.

## Análise

Retomemos os exemplos 8. e 9.:

8. Não ganhamos Palma de Ouro, Urso de Ouro, Leão de Ouro e outros prêmios à toa. Mas ainda insistimos em dizer que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo, **só que não**.

9. Vem logo, só que não. O representante da JAC no país, Sergio Habib, afirma que deverá importar em agosto duas ou três unidades do Sol... mas apenas para testes com jornalistas especializados e clientes especiais conhecerem a tecnologia.

Como se verifica, *só que não* invalida a porção textual imediatamente anterior, refutando, no caso de 8., afirmações justapostas: “[...] que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo” e, no de 9., a proposição “Vem logo”.

Do ponto de vista da GC, *só que não* se configura como unidade simbólica que não é plenamente composicional. Em outras palavras, seu sentido global não pode ser reduzido à simples soma dos componentes *só que*, como operador adversativo, e *não*, como advérbio de negação. Desse modo, em uma perspectiva estritamente semântica, bastaria, em um rearranjo, introduzirmos a partícula de negação “não” antes de *estar e bombar*, em 8a., e de *vir*, em 9a., como a seguir:

8a. **Não** está tudo bem com o cinema brasileiro, **não** bombamos no mundo.

9a. **Não** vem logo.

Em termos semânticos, observa-se que as construções 8. e 9. se mostram equivalentes às sentenças 8a. e 9a. respectivamente. De um ponto de vista pragmático, contudo, não se deve ignorar um traço muito particular relativo a *só que não*: a ironia, que somente 8. e 9. são capazes de veicular.

Em 8., aliás, retomam-se os verbos *estar* e *bombar*, das proposições imediatamente anteriores, sem repeti-los formalmente, o que revela o caráter elíptico e altamente convencionalizado da construção. Tal fenômeno, denominado de *encapsulamento verbal*, indica que os verbos da porção textual antecedente são reativados cognitivamente na interpretação do falante, mas não chegam a se manifestar na superfície linguística, corroborando a autonomia formal da construção, como evidencia 8b.:

8b. [...] que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo, **só que não** [está/bombamos].

Um dado relevante reside no fato de *só que não* não admitir nenhum tipo de complemento explícito<sup>25</sup>, justamente em decorrência do fenômeno de encapsulamento. A título de ilustração, ao retomar a ocorrência 9., notamos o verbo *vir* presente, na verdade, também

---

<sup>25</sup> No âmbito desta pesquisa, o termo *complemento* nada tem a ver com a nomenclatura gramatical. Assim, *complemento* assume o sentido de *informação adicional* ou *especificador*.

na porção introduzida por *só que não*, só que implicitamente, com a construção incidindo sobre esse verbo subentendido, como revela 9b.:

9b. Vem logo, **só que não** [vem].

Primeiro, a construção solicita a repetição do verbo/locução verbal da proposição anterior; depois, como consequência da ironia, promove seu apagamento ao encapsulá-lo na segunda ocorrência; e, por fim, quebra as expectativas do interlocutor. É possível concluir, então, que, ao mesmo tempo que a construção o requisita, ela faz questão de encapsulá-lo como resultado da ação direta da ironia, o que significa dizer que, caso também a segunda ocorrência do verbo fosse explícita, teríamos um indicador da ausência de traço irônico.

Vale frisar, dessa maneira, que a ironia é nada menos que gatilho para o apagamento do verbo empregado como complemento de *só que não*, já que a intenção do falante, no âmbito da formulação, é materializada na codificação. Em outros termos, a ironia, em todos os casos, encapsula o que seria a segunda manifestação explícita do verbo sobre o qual *só que não* opera ou das formas genéricas *ser* e *estar*.

Acrescente-se ainda que

[...] ela suaviza a negação, que 'é ato ameaçador da face' (Neves, 2006, p. 78 *apud* Camargo, 2017, p. 62), e intensifica o sentido. [...] 'É recurso mais complexo do que a negação explícita e espraia seus objetivos a pontos inatingíveis para a forma de negar diretamente'" (Neves, 2006, p. 78 *apud* Camargo, 2017, p. 62).

Assim sendo, afirma-se que *só que não*, entre outros aspectos, veicula ironia,

- refutando sempre a porção textual imediatamente anterior, o que faz dele construção com posição fixa;
- encapsulando a repetição do verbo/locução verbal principais da proposição anterior, o que faz dele expressão indivisível.

Em face disso, na medida em que a esquematicidade se refere ao grau de abstração ou generalização de uma construção linguística, o aumento dessa propriedade implica mais abstração e menos dependência de elementos lexicais específicos.

A esse propósito, observamos ganho de esquematicidade de [*só que X<sub>Adv</sub>*], uma vez que a construção mantém a forma fixa *só que* e um *slot X* preenchível não apenas por *não* mas

também por *nunca* e *sim* – o que ilustra sua fixidez. No caso específico de *só que não*, percebe-se certa abertura, mas restrita a uma classe de itens, para intensificação/reforço, como *só que não mesmo*, evidenciando-se que a construção, ao refutar ironicamente uma afirmação anterior, pode também imprimir-lhe ênfase.

Além disso, ao mesmo tempo que [só que  $X_{Adv}$ ] provavelmente tenha se originado do operador de foco *só que*, a construção dele se afasta. Isso porque, ao carregar consigo ironia e, como consequência direta, provocar encapsulamento verbal, apresenta comportamento bastante idiossincrático

Relativamente à propriedade de produtividade, definida como sendo a capacidade de um esquema ou construção de gerar instâncias, também há ganho no que se refere a [só que  $X_{Adv}$ ], pois, quanto mais abstrato e geral um esquema, mais lugar ele tem em diferentes situações, o que possibilita a instanciação de construções de maneira sistemática e eficiente e contribui para a inovação linguística.

Nesse aspecto, vale dizer que não basta, todavia, atestar a diversidade de advérbios que já preenchem o *slot* X – cenário o qual, muito mais do que ressaltar quão produtivo, porque esquemático, o esquema se tornou, ilustra a criatividade com que o falante o reconhece e o robustece para atender a determinados propósitos comunicativos. É preciso também demonstrar se o esquema mantém a capacidade de licenciar novas instâncias compatíveis com seu pareamento forma-função.

Diante do exposto, embora seja evidente a predominância de advérbios de polaridade, quais sejam, *não*, *nunca* e *sim*, é totalmente possível que o padrão admita, mesmo que de modo marginal, outros preenchimentos, a exemplo de *só que jamais*, além de *só que never* e *só que claro* (Cunha Lacerda, 2021) e de meras especulações, como *só que óbvio* e *só que com certeza*, desde que preservem o contraste irônico característico da construção.

Ainda nesse âmbito, percebemos perda de composicionalidade, dado o esvaziamento das partes para a composição do todo, uma vez que “as palavras *só*, *que* e *não*, cada qual com um significado e função originais, vêm se reinterprestando e se gramaticalizando [...]” (Camargo, 2017, p. 109, grifo do autor) ou, parafraseando Traugott e Trousdale (2013), inexistente correspondência completa entre o significado dos elementos individuais e o significado do conjunto.

Dessa forma, a função pragmática da construção como negação irônica emerge de um uso contextualmente específico, e não da simples soma do sentido de suas partes individuais (Camargo, 2017). Raciocínio parelho, portanto, se estende a todas as demais microconstruções da família, cujas partículas justapostas funcionam como unidades pragmáticas com significado sobremaneira específico.

Por fim, convém destacar que, devido ao seu inquestionável componente irônico, podemos enquadrar *só que não* no arcabouço de ironias construcionais, à luz dos já expostos parâmetros adotados por Lehmann e Bergs (2021). Sua alta frequência *type*, sua alta probabilidade de interpretação como irônica e suas propriedades idiossincráticas – como posição fixa, natureza formulaica e tanto quebra de expectativas quanto ironia intrínsecas (Camargo, 2017, 2020; Camargo; Hirata-Vale, 2022) – manifestam seu enraizamento no imaginário da comunidade de falantes.

## Considerações finais

Em resumo, *só que não* constitui um pareamento forma-função altamente integrado em que o todo semântico-sintático tem a função de refutar à base de ironia uma porção textual imediatamente anterior. Em outras palavras, tendo em vista que (i) os traços das categorias originais de suas partes se perdem parcialmente, (ii) a existência de outras construções irônicas, como as já conhecidas *só que sim* e *só que nunca* e a menos conhecida *só que não mesmo*, veicula um esquema amplo e (iii), como consequência da esquematicidade, sua capacidade de criação é produtiva, [*só que X<sub>Adv</sub>*] é classificável, conforme as dimensões propostas por Traugott e Trousdale (2013), como uma construção:

- *complexa*, porque sem significado literal transparente. Embora *só que* funcione como um conector adversativo equivalente a *mas* (Longhin-Tomazi, 2003), quando combinado com um advérbio como *não* com encapsulamento verbal, forma-se estrutura convencionalizada com significado e função que extrapolam a mera negação, uma vez que há, envolvidas, nuances pragmáticas, como a ironia;
- *esquemática*, porque de estrutura formulaica recorrente. Tal construção representa um padrão de uso particularmente irônico, reconhecível e geral;
- *procedural*, porque portadora tanto de conteúdo semântico quanto de aspecto procedimental. A construção em questão, ora pelo significado lexical dos itens constitutivos do esquema, ora pelos efeitos pragmáticos, não apenas comunica um conteúdo proposicional como também orienta em direção a uma avaliação contextual e a uma interpretação pragmática, influenciando a interação comunicativa. O foco, pois, é instruir interpretativamente, e não representar de forma referencial.

Ademais, é evidente a existência de “formas sintáticas convencionalmente associadas a um significado irônico” (Lehmann; Bergs, 2021, p. 335, tradução nossa<sup>26</sup>), o que corrobora o conceito de ironia construcional. Logo, muito mais do que uma construção empregada

---

26 No original: “[...] there are syntactic forms conventionally associated with an ironic meaning”.

ironicamente, *só que não* demonstra ter se especializado na marcação irônica, na medida em que ironias construcionais implicam estrutura formal esquemática, associação convencional com efeito irônico e desvio interpretativo em relação à literalidade.

## Referências

ATTARDO, S. *Irony markers and functions: towards a goal-oriented theory of irony and its processing*. 2000.

BERGS, A.; PENTREL, M. Extravagant much? Syntactic creativity because Wayne's World. *English language and linguistics*, v. 29, n. 2, 2025.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Cambridge: Oxford University Press, 2013.

CAMARGO, D. W. F. *Uma investigação funcional da construção só que não no português escrito*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CAMARGO, D. W. F. A locução "só que não" dos pontos de vista sintático, semântico, pragmático e discursivo-textual. *Porto das Letras*, Porto Nacional, v. 6, n. 1, p. 220-249, 2020.

CAMARGO, D. W. F.; HIRATA-VALE, F. B. M. A gramaticalização de "só que não" como conectivo de contraexpectativa com valor negativo. In: WOTCKOSKI, R. B.; CHINAGLIA, J. P. F.; NOCCIOLI, C. A. M. (org.). *Educação no Brasil e sua conjuntura: tendências, desafios e perspectivas*. Ribeirão Preto: Ribeirão Gráfica, 2022.

CAMARGO, D. W. F.; HIRATA-VALE, F. B. M. As ironias construcionais "só que nunca" e "só que sim": uma análise cognitivo-funcional no português brasileiro. *Linguagem*, São Carlos, v. 49, n. 1, p. 126-151, 2025.

CAMP, E. Sarcasm, pretense, and the semantics/pragmatics distinction. *Nous*, v. 46, n. 4, p. 587-634, 2012.

CUNHA LACERDA, P. F. A.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1. ed. Niterói: EdUFF, 2017.

CUNHA LACERDA, P. F. A. As principais contribuições da abordagem construcional da mudança no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso – evidências a partir de um estudo de caso. In: TENUTA, A. M. T.; COELHO, S. M. (org.). *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. 1 ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2018. p. 181-200.

DAVIES, M. *Corpus do Português: Web/dialects*. 2016.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, Nova York, v. 64, n. 3, 1988.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X doing Y? construction. *Language*, [S. l.], v. 75, n. 1, 1999.

LEHMANN, C.; BERGS, A. As if irony was in stock. The case of constructional ironies. *Constructions and Frames*, [S. l.], v. 13, n. 2, 2021.

MICHAELIS, L. A.; FENG, H. What is this, sarcastic syntax? *Constructions and Frames*, v. 7, n. 2, 148-180, 2015.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística funcional, Linguística cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, 2020.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VEALE, T.; HAO, Y. Detecting ironic intent in creative comparisons. In: Conferência Europeia de Inteligência Artificial, 19., 2010, Portugal. *Anais...*